

# A construção social da leitura

*Lucília Helena do Carmo Garcez*

Professora de Linguística Aplicada / UnB

As grandes modificações pelas quais passou a sociedade brasileira nas últimas décadas exigiram que os programas de democratização da leitura também se transformassem. Foi necessário *intensificar a atuação*, tornando-a mais efetiva, para fazer frente aos apelos imediatos de um mundo cada vez mais seduzido pela imagem, pela comunicação rápida, pela velocidade, e ao mesmo tempo *ampliar quantitativamente os esforços* para incluir parcelas cada vez maiores da população.

Nesse percurso, muitas vezes descontínuo e cheio de obstáculos, aprendemos que qualquer iniciativa em direção ao estímulo à leitura deve envolver diversos agentes e diferentes segmentos sociais: famílias, escolas, professores, bibliotecários, especialistas, pesquisadores, editores, autores, meios de comunicação, instituições governamentais e não-governamentais. Se queremos socializar o direito à leitura, como forma de conhecimento, interpretação e compreensão do mundo e do ser humano, é imprescindível uma articulação contínua, intensa e harmoniosa entre esses atores.

Isso porque o incentivo à leitura, já sabemos há muito tempo, depende de:

- 1) convívio contínuo com histórias, livros e leitores, desde a primeira infância;
- 2) valorização social da leitura pelo grupo social a que pertence;
- 3) disponibilidade de acervo de qualidade e adequado aos interesses, horizontes de desejo e aos diferentes estágios de leitura dos usuários;
- 4) tempo para ler, sem interrupções, previsto e assegurado no planejamento escolar;
- 5) espaço físico agradável, confortável, estimulante e atrativo;
- 6) ambiente de segurança psicológica e de tolerância dos educadores em relação ao percurso individual de superação de dificuldades;
- 7) valorização da leitura pelo grupo;

8) oportunidades para expressar, registrar e compartilhar interpretações e emoções vividas nas experiências de leitura;

9) acesso a orientação qualificada sobre por que ler, o que ler, como ler e quando ler.

Trataremos aqui das formas de participação dos educadores no processo de formação de leitores autoconfiantes, seguros e competentes, ao mesmo tempo que desenvolvemos nossa visão sobre o que é ler.

Para aprofundar a reflexão relativa à natureza do ato de ler, é necessário considerar que se trata, simultaneamente, de uma experiência individual única e de uma experiência interpessoal profunda e intensa, um exercício dialógico ímpar, pois entre leitor e texto desencadeia-se um processo discursivo de decifração, interpretação, reflexão e reavaliação de conceitos absolutamente renovado a cada leitura. Nenhuma atividade humana permite, até hoje, a espécie de diálogo atemporal que a leitura proporciona.

Entretanto é preciso cuidado, pois a linguagem pode ser usada tanto para desvelar como para velar, tanto para mediar como para enganar. Pode ser uma linguagem desgastada e esvaziada de sentido. Por isso necessitamos do discurso alegórico, narrativo, lúdico, metafórico, que é uma forma de conhecimento que escapa à ciência e que reinaugura o sentido da linguagem pela palavra do poeta.

Faz parte da própria construção original do texto essa possibilidade ilimitada, infinita, de diálogo, esse caráter interativo primordial de que fala Bakhtin<sup>1</sup>. O universo discursivo, no qual somos inseridos pela leitura e pela escrita, tem um princípio dialógico inerente a si mesmo de três ordens:

a) É dialógico porque a enunciação tem uma orientação social, é orientada para o outro e é por ele determinada. Escrevo para o outro que,

por sua vez, orienta e conduz o que escrevo e a maneira como escrevo.

b) É dialógico porque sua compreensão depende de formulação ativa de resposta, de contrapalavras. Quando escrevo espero uma resposta, que é a participação e a inserção do outro no diálogo que proponho. Quando leio formulo respostas.

c) É dialógico porque é essencialmente polifônico. Não há discurso solitário, todos os discursos, todos os enunciados são permeados por outras vozes que atravessam a leitura e a escrita. No universo discursivo não há solidão. Cada texto traz o eco e faz repercutir as várias vozes que o constituíram através da história. Um escritor é feito de todos os textos que conheceu.

Nas palavras de Bakhtin: “Vivo no universo das palavras do outro. E toda a minha vida consiste em conduzir-me nesse universo, em reagir às palavras do outro (as reações podem variar infinitamente) a começar pela minha assimilação delas (durante o andamento do processo do domínio original da fala), para terminar pela assimilação das riquezas da cultura humana (verbal ou outra). A palavra do outro impõe ao homem a tarefa de compreender esta palavra”. E impõe a todos os homens a tarefa de democratizar esse acesso, de levar a possibilidade de compreensão da palavra a todos os outros, pois é um direito inerente a todo ser humano participar desse circuito de circulação de idéias e de discursos.

Não se trata de uma doação pura e simples, já que direitos não são doados. Não podemos doar a nossa leitura, mas podemos compartilhar a consciência do direito de ler, porque, assim como a linguagem, os direitos são construções sociais, estabelecidos e conquistados em conjunto, no coração das lutas sociais. Como não se luta pelo que não se conhece, é necessário dar a conhecer a parcelas cada vez mais largas da sociedade as infinitas possibilidades de leitura. Essa necessidade justifica a existência de tantos movimentos em prol da leitura.

A experiência da linguagem, e a da leitura especialmente, não é solitária, é um produto construído na interação em que os participantes atuam de forma ativa. Todo o percurso de aquisição, desenvolvimento, construção da linguagem se inicia na interação social para então realizar-se, consolidar-se no interior do indivíduo, ou seja, internalizar-se. Não como cópia, mas como reelaboração. É assim, nesse movimento do social

para o individual, pela mediação do outro, que surgem o pensamento abstrato, a memorização, a atenção voluntária, o comportamento intencional, as ações conscientemente controladas, a generalização, as associações, o planejamento, as comparações, ou seja, as funções superiores da mente, as quais nos fazem humanos, de que fala Vygotsky.

Por ser assim tão complexa, a leitura nem sempre é um procedimento fácil. Ela faz inúmeras solicitações simultâneas ao cérebro e é necessário desenvolver, consolidar e automatizar habilidades muito sofisticadas para pertencer ao mundo dos que lêem com naturalidade e rapidez. Desde a decodificação de signos, interpretação de itens lexicais e gramaticais, agrupamento de palavras em blocos conceituais, identificação de palavras-chave, seleção e hierarquização de idéias, associação com informações anteriores, antecipação de informações, elaboração de hipóteses, construção de inferências, compreensão de pressupostos, controle de velocidade, focalização da atenção, avaliação do processo realizado, até a reorientação dos próprios procedimentos mentais para a compreensão efetiva e responsiva, há um longo e acidentado percurso.

É preciso que o educador, que tem como objetivo formar um leitor ativo, considere os recursos técnicos e cognitivos que podem ser desenvolvidos por meio da leitura compartilhada. Lendo, comentando e conversando sobre a leitura, numa verdadeira interação em torno dos problemas de compreensão e interpretação colocados pelo texto, esses procedimentos vão sendo explicados, exemplificados e exercitados conforme a necessidade dos leitores. A leitura não se esgota no momento em que se lê, mas se expande por todo o processo de compreensão que antecede o texto, explora-lhe as possibilidades e prolonga-lhe o funcionamento para depois da leitura propriamente dita, invadindo a vida e o convívio com o outro.

Há *procedimentos específicos de seleção e hierarquização da informação* como: observar títulos e subtítulos; analisar ilustrações; reconhecer elementos paratextuais importantes; reconhecer e sublinhar palavras-chave; identificar e sublinhar ou marcar na margem fragmentos significativos; relacionar e integrar, sempre que possível, esses fragmentos a outros; decidir se deve consultar o glossário ou o dicionário ou adiar temporariamente a dúvida para esclarecimento

no contexto; tomar notas sintéticas de acordo com os objetivos. Há também *procedimentos de clarificação e simplificação das idéias do texto* como: construir paráfrases mentais ou orais de fragmentos complexos; substituir itens lexicais complexos por sinônimos familiares; reconhecer relações lexicais/ morfológicas/ sintáticas. Utilizamos ainda *procedimentos de detecção de coerência textual*, tais como: identificar o gênero ou a macro-estrutura do texto; ativar e usar conhecimentos prévios sobre o tema; usar conhecimentos prévios extra-textuais, pragmáticos e da estrutura do gênero. Um leitor maduro usa também, freqüentemente, *procedimentos de controle e monitoramento da cognição*: planejar objetivos pessoais significativos para a leitura; controlar a atenção voluntária sobre o objetivo; controlar a consciência constante sobre a atividade mental; controlar o trajeto, o ritmo e a velocidade de leitura de acordo com os objetivos estabelecidos; detectar erros no processo de decodificação e interpretação; segmentar as unidades de significado; associar as unidades menores de significado a unidades maiores; auto-avaliar continuamente o desempenho da atividade; aceitar e tolerar temporariamente uma compreensão desfocada até que a própria leitura desfaça a sensação de desconforto. Alguns desses procedimentos são utilizados pelo leitor na primeira leitura, outros na releitura, e alguns são concomitantes a outros, constituindo uma atividade cognitiva complexa que não obedece a uma seqüência rígida de passos, mas que é guiada tanto pela construção do próprio texto como pelos interesses, objetivos e intenções do leitor.

Como são interiorizados e automatizados pelo uso consciente e freqüente, e já que são apenas meios e não fins em si mesmo, nem sempre esses procedimentos estão muito claros ou

conscientes para quem os utiliza na leitura cotidiana. Mas, para o professor, eles devem ser cada vez mais evidentes, tanto para si mesmo na condição de leitor, como para fundamentar suas opções metodológicas conscientes no que se refere à leitura de seus alunos. As atividades a serem propostas na escola com o objetivo de desenvolver procedimentos eficazes de leitura precisam aproximar-se o máximo possível da forma como funciona a leitura na vida diária, de maneira que venham a estimular o uso imediato e a autoconfiança do leitor.

Além de todas as iniciativas práticas que vão desde a formação de um acervo e a criação de oportunidades de leitura e de expressão das interpretações e emoções, até o acompanhamento dessas leituras, o educador pode atuar como um interlocutor privilegiado, um parceiro mais próximo, um companheiro de caminhada. Mas não como doador de um bem previamente estabelecido, como o dono do significado, como o que detém a leitura correta, como o único que sabe ler, uma vez que cada indivíduo constrói a sua própria trajetória pessoal de leitura, que é outra, diversa da do professor. Esse guia apenas estimula, orienta, apóia e facilita a superação dos obstáculos que, muitas vezes, desencorajam o leitor iniciante e podem desviá-lo para um ciclo de fracassos sucessivos que, certamente, virá a condená-lo à aridez do silêncio e da mudez. Contribuir para a construção de leitores seguros, confiantes, competentes e autônomos é contribuir para a democratização do acesso a um dos instrumentos essenciais para o exercício da cidadania.

#### **Nota**

<sup>1</sup> Mikhail Bakhtin - *Marxismo e filosofia da linguagem*. S. Paulo: Hucitec, 1981.